

DE PAI PARA FILHO: HERANÇA E OS CAMINHOS DA ACUMULAÇÃO DE RIQUEZAS EM MINAS GERAIS (1750-1850)¹

Yone Santos Andrade
(Graduanda em História/UFS)

RESUMO:

O presente estudo se propõe a fazer uma breve discussão de como eram as famílias do passado – considerando questões de ordem socioeconômica –, como se organizavam, quem as compunham, qual o seu tamanho e também fazer uma análise de matrimônios e suas situações de bastidores em diversas famílias. A discussão aborda a antiga vila de São José do Rio das Mortes no final do século XVIII, que estava se especializando na agropecuária de abastecimento, depois da crise da mineração do ouro em Minas Gerais.

Palavras- chaves: Família; Elite; Casamento.

¹ Este artigo é fruto de um trabalho de Iniciação Científica (PICVOL) orientado pelo professor Dr. Carlos de Oliveira.

1. INTRODUÇÃO:

O conceito atribuído a família vem se modificando ao longo dos séculos. Segundo o dicionário Antônio Moraes Silva (1789), a ideia de família corresponde “*as pessoas de que compõe a casa, e mais propriamente as subordinadas aos chefes, ou pais de família. Os parentes, e aliados*”. O dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto (datado de 1832) conceituou a família como “*as pessoas de uma casa. Os parentes*”. A sociedade evoluiu e os dicionários da língua portuguesa se adequaram aos novos conceitos para esse núcleo social. Foi o caso do dicionário Houaiss, que antes definia a família como um “*grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (especialmente o pai, a mãe e os filhos) [...]*”, e agora adota o seguinte conceito para o verbete: “*Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantém entre si uma relação solidária*”.

Essa variedade de conceitos através da história reflete uma real mudança da configuração usual (pai, mãe e filhos) da família. As famílias do passado, em sua maioria, eram intituladas de patriarcais – denominação usada para os núcleos familiares que eram “administrados” pelo homem da casa, o pai. A história nos mostra que, no caso do falecimento do “pai”, os filhos e genros ficavam sobre a tutela dos bens familiares. Contudo, a própria historiografia também nos mostra que esse modelo de família não era único. Muitas mulheres comandaram suas casas e negócios sozinhas, sendo intituladas como “cabeças da família”, originando então as famílias matriarcais.

A significação do casamento como uma relação primariamente amorosa é recente. Na Europa dos séculos XII e XIII, os ritos matrimoniais espelhavam sempre uma aliança entre famílias, e os próprios casamentos atendiam antes de tudo a interesses ligados à transmissão do patrimônio, distribuição do poder, conservação de linhagens, reforço de solidariedades comunitárias.² Nos séculos XVII, XVIII e XIX essa premissa não tinha se modificado muito. Ter uma família significava sobretudo ter um grande negócio, que envolvia vários elementos, como por exemplo, o dote, que durante muitos anos esteve envolvido nas uniões matrimoniais, principalmente nos casamentos das elites. Em suma, não faz muito tempo, portanto, que o casamento era considerado primeiramente um investimento e posteriormente uma questão sentimental.

O presente estudo se propõe a fazer uma breve discussão de como eram as famílias

² VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 35.

do passado – considerando questões de ordem socioeconômica –, como se organizavam, quem as compunham, qual o seu tamanho e também fazer uma análise de matrimônios e suas situações de bastidores em diversas famílias. A discussão aborda a antiga vila de São José do Rio das Mortes no final do século XVIII, que estava se especializando na agropecuária de abastecimento, depois da crise da mineração do ouro em Minas Gerais.

2. OBJETIVOS:

- Mostrar como as famílias da elite organizavam suas relações matrimoniais para preservar status e riqueza;
- Pesquisar a importância da herança na evolução intergeracional dos patrimônios familiares;
- Levantar nos inventários post-mortem do recorte estabelecido as relações de herdeiros e o montante cabível a cada um;
- Buscar os inventários, quando disponíveis, dos herdeiros e mensurar a importância da herança na riqueza total;
- Discriminar estratégias de transmissão e acumulação de riqueza de acordo com o grupo social das famílias proprietárias.

3. METODOLOGIA:

Á priori, o professor orientador junto ao grupo de discentes de iniciação científica (no qual estou inclusa) desenvolveram encontros para leitura, relatoria e discussão de textos/livros, visando uma melhor compreensão do período e temas pesquisados. E de maneira particular, o professor orientador e eu, buscamos analisar e utilizar as fontes históricas usadas para a História da família, organizando fichas de famílias, produzindo genealogias, além de realizarmos cruzamento de nomes em diferentes fontes de dados.

As leituras, relatorias e discussão de textos/livros, foram feitas em sua maioria semanalmente. Nós buscamos utilizar cada texto ou livro em nossa vida acadêmica como um todo, agregando sempre uma nova visão sobre a história econômica, bem como as diversas facetas da sociedade escravista.

As fontes históricas principais para o estudo da família, são as eclesiásticas ou

paroquiais (registros de batismo, casamento e óbito) em primeira instância e as fontes cartorárias (inventários *post-mortem*, testamentos e processos judiciais), não são, em geral possíveis. Deve-se levar em conta que no Brasil encontramos limitações documentais, descontinuidade dos documentos. Uma boa parte das fontes foram destruídas, ou se encontram em péssimo estado, impossibilitando o trabalho do pesquisador. Das fontes aqui citadas, foram utilizadas por nós, os registros de casamento, óbito, batismo, bem como inventários *post-mortem*, listas nominais ou mapeamentos populacionais por fogo (também conhecidos como “maços de população por fogo”).

Por meio do Rol dos confessados, tivemos acesso a plausíveis informações. Essa fonte traz os nomes dos chefes do fogo, dos cônjuges, dos filhos, dos escravos e agregados, quase sempre com as respectivas idades, o estado matrimonial e a cor/condição. Viabilizando- nos análises mais centradas na economia doméstica e composição dos domicílios.

Os registros de casamentos e batismos são fontes cruciais para o entendimento de como eram feitas as relações de compadrio e arranjos matrimoniais. Ao entrarmos em contato com os registros de casamento, que nos trazem os nomes dos noivos, suas filiações, suas testemunhas, títulos e até mesmo condição social, foi possível observarmos o interesse das famílias em manter o status social e econômico. A escolha dos cônjuges para os filhos era causa de grande preocupação aos pais abastados, que desejavam aumentar seus bens e o prestígio, estabelecendo pactos nupciais com outras famílias da elite. Notamos também que as escolhas das testemunhas eram cercadas dos mesmos pretextos. Os registros de batismos vieram a somar e muito a esta pesquisa, através dos dados fornecidos pelo mesmo (nome, filiação, condição social, padrinhos, idade do batizando), buscamos incrementar o feitiço de nossas genealogias, pois o acesso as informações de quem eram os pais do batizando, nos traz um conhecimento diferente do rol dos confessados, por exemplo, que só nos informa os dados de crianças acima dos sete anos (que haviam recebido a primeira comunhão). Além disso, foi constatado por nós que as relações de compadrio se davam com um intuito semelhante ao do casamento. Os pais buscavam padrinhos do mesmo ou maior patamar social que o seu, viabilizando também certo tipo de proteção para seu filho, atrelados à ideia dos padrinhos serem os segundos pais do indivíduo, devendo se preocupar com a saúde e a educação dos afilhados, por exemplo. Nesse cenário, é merecido o destaque de figuras como Manoel Lobo de Castro e Bernardo Homem da Silveira, que batem “recordes” de aparições nos dados, tanto como padrinhos, como testemunhas de casamentos.

Os inventários *post-mortem* que tem por objetivo não só verificar o patrimônio do autor da herança, mas também liquidar o acervo com a realização do ativo e o pagamento dos débitos, agregaram à nossa pesquisa juntamente as outras fontes. Por meio desta fonte foi possível a noção de riqueza daquela época. A riqueza era baseada nas posses materiais, como uma foice, uma fazenda, um carro de boi e os escravos, por exemplo. É vultoso citar que os senhores analisados por nós não possuíam dinheiro em espécie e em alguns casos suas dívidas eram maiores que o valor de bens possuídos. Alguns não deviam, mas tinham a receber. Os inventários *post-mortem* trazem informações sobre as dívidas a receber e a pagar, o montemor e o monte líquido do falecido, como também a descrição de seus bens e o dote deixado.

De uma forma geral nossa pesquisa efetuou o cruzamento de nomes (grandes proprietários) em diferentes bancos de dados, nos propiciando a elaboração de fichas de famílias e genealogias. Esse trabalho de pesquisa nominal teve como referências as propostas de Fragoso (2002) e Ginzburg (1991). As genealogias foram confeccionados com o auxílio do programa *GenoPro*. O feitiço se deu da seguinte forma: após a coleta e organização das informações conseguidas por meio dos cruzamentos dos nomes nos bancos de dados, organizamos cada informe por nome de chefe do fogo e criamos a genealogia de cada chefe e sua respectiva família. As fichas foram produzidas basicamente da mesma forma, a diferenciação se dá porque a citada foi elaborada no Word e agrega as informações de forma mais detalhada.

4. RESULTADOS & DISCUSSÕES:

No Brasil colonial a economia se baseava inteiramente na produção de grupos familiares, neste cenário o dote desempenhava um papel fundamental através dos casamentos. A historiadora norte-americana Muriel Nazzari descreve em sua obra *O Desaparecimento do Dote*, que “na São Paulo do século XVII, o dote não era, pois, uma instituição periférica que interessava apenas às mulheres, mas sim um elemento vital na economia da sociedade como um todo.” (Nazzari, 2001, p.44)

Neste período, escolher um cônjuge não era uma tarefa fácil. Na maioria dos casos, os pais escolhiam a dedo quem seriam seus genros e noras. Os casamentos eram meios de enriquecimento. Os romancistas brasileiros já estão acostumados a ver em novelas de época

cenar em que o pai, poderoso escravocrata, senhor de engenho ou fazendeiro de café, combina o casamento de sua filha com o filho de um outro senhor igualmente poderoso. A filha levaria consigo um dote, em bens ou dinheiro. Moça sem dote corria o risco de morrer solteira.

Em sua obra *Os Senhores da Terra*, o historiador Carlos Bacellar nos atenta com relação a escolha de consortes, afirmando que “a seleção de cônjuges faria parte de uma estratégia de vida previamente pensada, visando a estruturação de uma rede de relações familiares complementares às relações de cunho comercial. Quanto mais amplas e sólidas, as relações estabelecidas, mais acessível seria o progresso socioeconômico da família”. (Bacellar, 1997, p.92) Desta forma, é possível observar o quão importante era para as famílias abastadas um arranjo matrimonial. Muitos foram os casos de famílias que casaram dois ou mais filhos, com membros de uma outra parentela. Na freguesia de São José Del Rei não foi diferente; um exemplo que encontramos é o das filhas do capitão José Cabral Tavares. Josefa Maria Saraiva e Batista Custodia Cabral, filhas legítimas do capitão com Dona Josefa Maria Ferreira, casaram-se com José Marcelino Pereira e Luis Pereira Silva, ambos filhos legítimos de Manoel Pereira Matos e Ana Almeida Silva. Apesar de não termos encontrado informações relevantes sobre o casal Manoel e Ana, é bem provável que os mesmos fizessem parte da elite daquela freguesia. É momentoso citar também, que no casamento de Batista Custodia e Luis Pereira, o capitão José Cabral Tavares é dado como falecido. É presumível que o capitão tenha feito o arranjo matrimonial antes de sua morte, estabelecendo o acerto nupcial duplo entre as famílias.

E se engana quem pensa que os casamentos de filhos de famílias abastadas eram simples. Por trás de cada arranjo matrimonial, havia uma ampla carga de responsabilidade atribuída ao cônjuge, sobre os quais o mesmo devia prestar contas a sua família. O indivíduo que carregava consigo um patrimônio econômico, político e social, herdado dos pais, jamais poderia dispersá-lo. O dito cujo deveria zelar pelo patrimônio, tornando-o ainda mais próspero, assim que contraísse o matrimônio. Desta forma, um casamento poderia significar o reforço de uma aliança política ou econômica, ou mesmo a criação de uma nova.

Como os resultados dessa pesquisa apresentaremos a seguir uma seleção de genealogias das famílias mais ricas da Vila de São José. Com isso, pretendemos demonstrar as estratégias e preocupações que envolviam os laços de parentesco e amizade da elite.

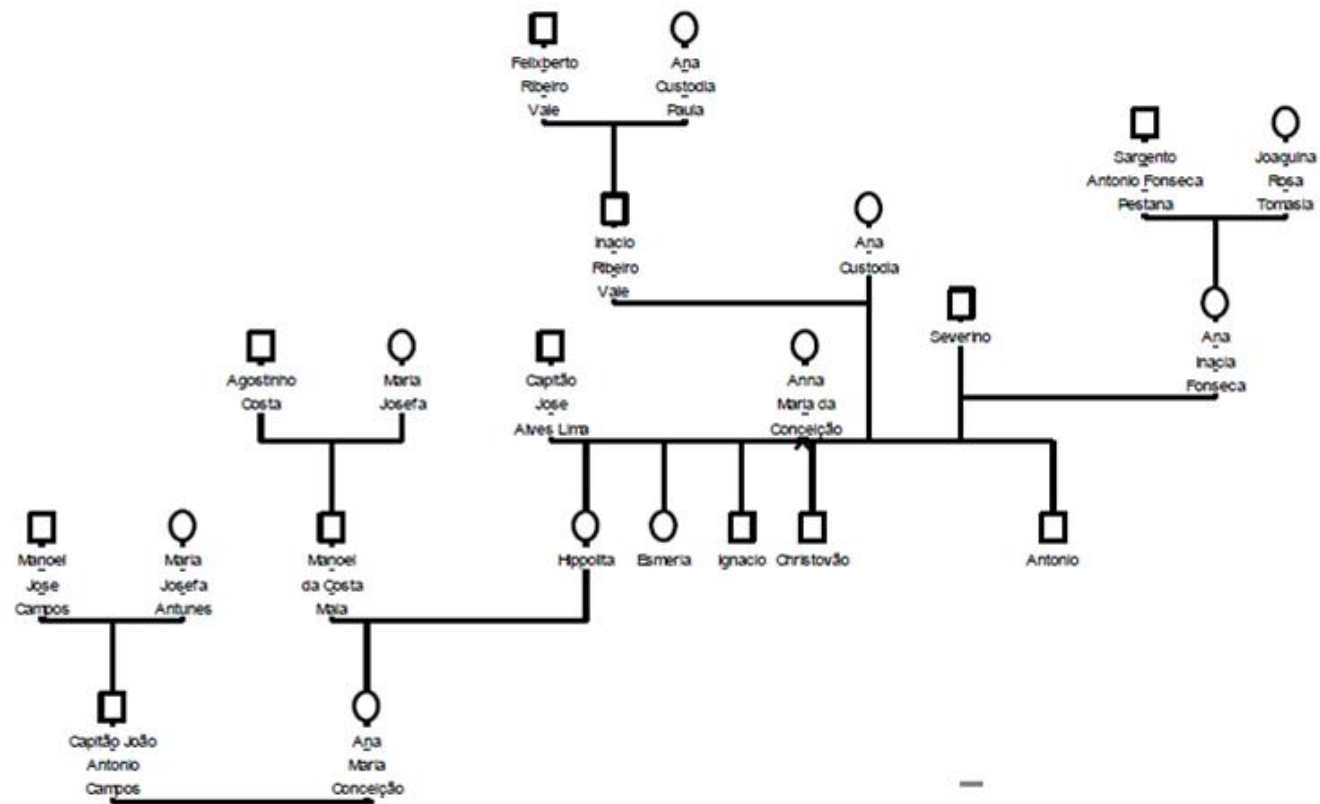


Figura 1 -Genealogia de Dona Anna Maria da Conceição

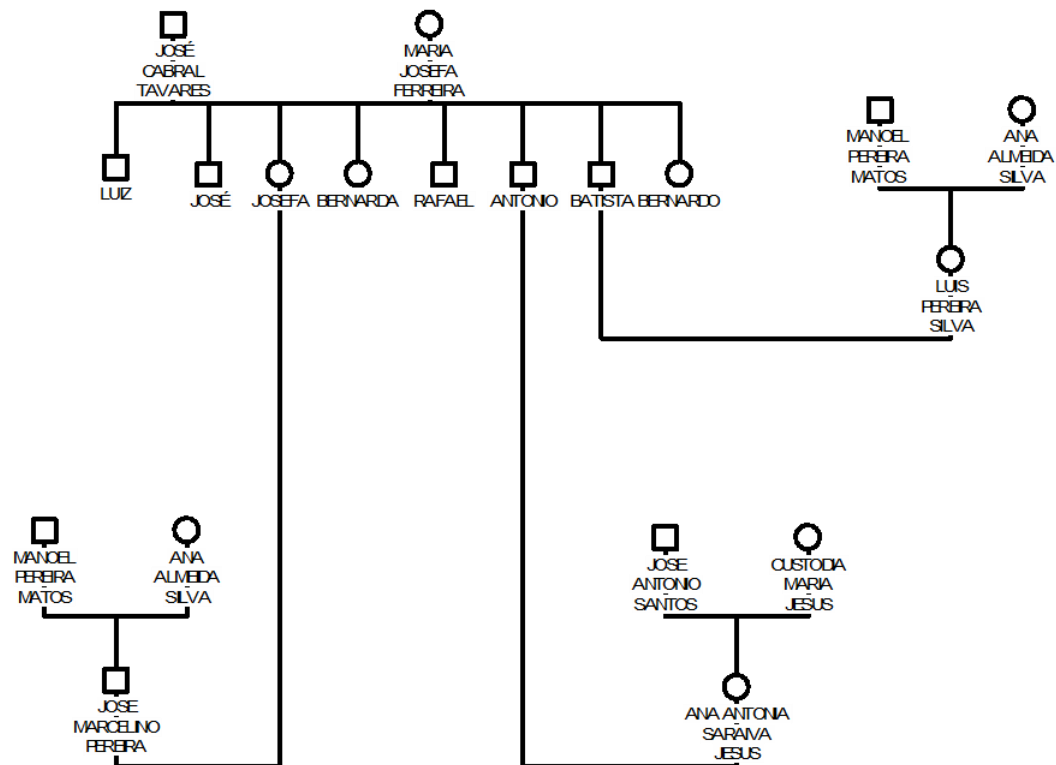
A genealogia acima corresponde à família de Dona **ANNA MARIA DA CONCEIÇÃO**, viúva do Capitão José Alves Lima. Esta família nos chamou muita atenção, pois tem um grande destaque nas relações matrimoniais. Como abordamos na linhagem, alguns de seus filhos casaram-se, enfatizamos o casamento de sua filha **Hippolita Justiniana Peregrina** que casou-se com o português **Manoel da Costa Maia**, indivíduo este que já vinha de uma família abastada e que dentro de cinco anos torna-se capitão. Hippolita e Manoel tiveram uma filha na qual batizaram de **Ana Maria Conceição**, supostamente em homenagem a avó. Ana Maria segue os caminhos da mãe e também casa-se com um português de família bem sucedida, o **Capitão João Antônio Campos**. Mediante o que foi exposto, é aceitável a análise de que os sucessores de Dona Anna, conseguiram manter ou até mesmo alargar suas riquezas através das relações comerciais.

Figura 2 - Genealogia do Capitão Manoel Lobo de Castro.

Acima é possível observar a simplória genealogia do **Capitão Manoel Lobo de Castro**. Por trás desta linhagem há uma história que difere das outras nas quais pesquisamos. Apesar de ser um homem da elite, Manoel teve um caso durante muitos anos de sua vida com **Ana Maria de Oliveira**, uma forra, parda que possuía seu próprio fogo. Juntos eles tiveram alguns filhos, **Maria Severina de Castro** foi uma delas. A mesma não fugiu dos moldes matrimoniais da elite, casando-se com **José Esteves de São Francisco**, um homem próspero. Manoel e Ana Maria, chegaram a se casar, pouco tempo antes da morte do primeiro. Este caso, é uma

verdadeira quebra de estereótipos, e ao mesmo tempo uma demonstração do preconceito que existia com relação a união de pessoas de condição social e econômica diferentes.

Figura 3 - Genealogia do Capitão José Cabral Tavares



Abaixo é possível visualizar a genealogia do **capitão José Cabral Tavares** casado com **Dona Maria Josefa Ferreira**. No rol de confessados do ano de 1795, encontramos o capitão como proprietário do fogo de nº 4.470, em sua propriedade residiam 54 pessoas, destas 44 eram escravas. Por meio dos inventários *post-mortem* observamos o seu nível de riqueza em propriedades. Mas o que a genealogia nos mostra são as ligações matrimoniais estabelecidas pelo capitão. Como os outros nomes já citados, José empenhou-se em garantir “bons partidos” para seus filhos. Sua filhas **Batista e Josefa**, casam-se com os filhos de Manoel Pereira Matos, que tudo indica ser um homem de posse. Assim como as irmãs, **Antonio** também foi alvo de um arranjo matrimonial, casou-se com **Anna Antonia**, filha de **Jose Antonio Santos**, não encontramos informações relevantes sobre o dito cujo, mas supostamente é membro da elite escravista.

A genealogia que segue é um exemplo de que nem sempre as fontes nos apresenta o necessário. O **tenente coronel José Franco de Carvalho** era um senhor escravista, proprietário do fogo de nº 3950, casado com **Dona Tereza de Jesus Lopes**. Infelizmente não

encontramos informações relevantes sobre sua família e seus bens.



Figura 4 - Genealogia do Tenente Coronel José Franco de Carvalho.

Nossa pesquisa se preocupou em estudar também pessoas que não faziam parte da elite, mas que eram exceção da sociedade da época. Enfatizamos a parda forra **Innocencia Joanna do Rozário**, que aparece no rol dos confessados como proprietária do fogo de nº 2860. Innocencia possuía um escravo de origem angolana chamado Simão, em seu fogo ela agrega o casal **Leandro Barboza da Silveira** (forro, pardo) e **Luciana Maria Alvares**, possesores do escravo José. Atentamos a um dos problemas encontrados por nós nesse estudo, muitas pessoas apresentavam nomes e sobrenomes iguais. De maneira oportuna, mencionamos um outro **Leandro Barboza da Silveira**, um capitão, viúvo, proprietário de vários escravos. A diferença entre os dois é enorme, porém, o Leandro forro e pardo se torna alferes com o passar dos anos, e o capitão Leandro Barboza da Silveira torna-se seu compadre, batizando a filha de Leandro com Luciana. A partir dessas informações induzimos que em meio aos interesses pautados na riqueza, as pessoas zelavam também por vínculos de amizade e agregação, além de constatarmos que um individuo seria capaz de ascender-se socioeconômico.

5. CONCLUSÕES:

Concluimos que as famílias da elite dos séculos XVIII e XIX eram inquietas em relação a sucessão de seus bens, e uma das formas de preservarem suas fortunas era estabelecendo relações matrimônias. Por trás de um casamento havia todo um jogo de interesses, seja econômico, social, ou até mesmo religioso. As famílias da elite buscavam noivos de igual condição social para seus filhos. De acordo com o discurso religioso predominante, os pais deveriam cuidar da pureza de suas filhas, que subiriam ao altar virgens, além do mais careciam ser prendadas bem vistas em meio a sociedade. Com os meninos a educação era diferente, os mesmos necessitavam ingressar em trabalhos que fortalecessem seus prestígios socioeconômicos e arranjar bem dotadas para contraírem matrimônio.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *1964- Ricos e pobres em Minas Gerais: produção e hierarquização social no mundo colonial, 1750-1822/* Carla Maria Carvalho de Almeida. – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

ANDERSON, Michael. *Elementos para a história da família ocidental; 1500-1949*. Lisboa: Querco, 1984.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Família, fortuna e poder no Império do Brasil: Minas Gerais - Campanha da Princesa (1799-1850)*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

AREND, Silvia Maria Fávero. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Os senhores da terra: família e sistema sucessório de engenho do Oeste paulista, 1765-1855*. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

BARICKMAN, B. J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOTELHO, Tarcísio R. *Categorias de diferenças: ocupação, raça e condição social no Brasil do século XIX*. Locus (Juiz de Fora), v. 26, p. 153-185, 2008.

BRUGGER, Silvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal: família e sociedade (São João Del Rei – séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume, 2007.

DAIBERT, Jefferson. *Direito de Família*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

ENGELS, Fredrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento/* Sheila de Castro Faria. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FLAMARIO CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Ensaios de Teoria e Metodologia. 5 ed. Campinas, SP: Editora Campus.

FRAGOSO, João R. *Afogando em nomes*: temas e experiências em história econômica. Topoi (Rio de Janeiro, v.5, p. 41-70,2002).

FRANK, Zephyr L. *Entre ricos e pobres*: o mundo de Antônio José Dutra no Rio de Janeiro Oitocentista.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. “O nome e o como: troca desigual de mercado historiográfico. GINZBURG, Carlo.” In GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-historia e outros ensaios*. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1991, PP.169-178.

HEER, David M. *Sociedade e população*. São Paulo: Pioneira, 1972.

HESPANHA, António Manuel. *Imbecillitas*. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime. – São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Olhares).

LASLETT, Peter. Família e domicílio como grupo de trabalho e grupo de parentesco: comparação entre áreas da Europa Ocidental. In MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). *População e sociedade*: evolução das sociedades pré- industriais. Petrópolis: Vozes, 1984.

MALAQUIAS, Carlos de Oliveira. *Remediados senhores*: pequenos escravistas na freguesia de São José do Rio das Mortes, c.1790 - c.1844. Tese (doutorado em História). Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2014.

NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote*: mulheres, famílias e a mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900/ Muriel Nazzari: tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. _ São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RODARTE, Mario Marcos Sampaio. *O trabalho do fogo*: domicílios ou famílias do passado – Minas Gerais, 1830/ Mario Marcos Sampaio Rodarte – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROWLAND, Robert. *População, família, sociedade*. Portugal, séculos XIX-XX. Oeiras: Celta Editora, 1997.

SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos*: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, cap.1 “A grande lavoura canavieira do Velho

para o Novo Mundo”, pp.21-39; Parte III “A sociedade do açúcar”, pp.209-336”; e cap.16 “Estrutura da posse de escravos na Bahia”, pp.356-376.

SILVA, Silvia Farias. *Nas teias da fortuna: Homens de negócio na Estância Oitocentista (1820-1890)*, UFBA, Salvador, 2005. Dissertação de mestrado.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: Queiroz, 1984.

SILVEIRA, Horácio Rodrigo Batista. O discurso moralista da Igreja Católica a partir das relações de gênero. In: *Anais da Semana de História 2006*, de 22 a 26 de maio. Juiz de Fora: Centro Acadêmico de História, 2006.

SHORTER, Edward. *A formação da família moderna*. Lisboa: Terramar, 1995.

VIEIRA JR., Antonio Otaviano. *A família na Seara dos sentidos: domicílio e violência no Ceará (1780-1850)*. São Paulo, 2002. Tese, Doutorado, Universidade de São Paulo.

ABSTRACT:

The present study proposes to make a brief discussion of how the families of the past - considering socioeconomic issues - how to organize, who made them, how large they are, and also to analyze marriages and their backstage situations in families. The discussion addresses the old town of São José do Rio das Mortes at the end of the eighteenth century, which was specializing in agricultural supply, after the gold mining crisis in Minas Gerais.

Keywords: Family; Elite; Marriage.

Anexos:

Rol dos confessados:

BERNARDO HOMEM DA SILVEIRA

(Capitão, livre, branco, casado, 70 anos)

10217/id-10216- Encontro Bernardo Homem da Silveira como proprietário do fogo de número **100**. Neste fogo existem 80 pessoas, sendo 2 livres (Bernardo e Dona Marianna Francisca de Belem- suposta esposa do capitão), e os demais 78 são escravos.

Batismos S. José- paróquias desmembradas:

(NADA ENCONTRADO).

Batismos São José:

387/cód. 3275- Encontro Bernardo Homem da Silveira batizando sua filha legítima com Dona Marianna Francisca, **MARIANA**.

Os padrinhos foram:

Bernardo Pinheiro e Isabel do Rosário.

2715/cód. 146- Encontro Bernardo Homem da Silveira batizando sua filha legítima com Dona Marianna Francisca de Belem, **BERNADINA** .

Os padrinhos foram:

Manoel da Silveira e Ana Maria (irmã do batizando)

3149/cód. 173- Encontro Bernardo Homem da Silveira batizando sua filha legítima com Dona Marianna, **GENOVEVA** .

Os padrinhos foram:

Vicente José dos Santos e Beatriz da Luz Pinheira.

3602/cód. 3220- Encontro Bernardo Homem da Silveira batizando seu filho legítimo com Dona Marianna, **ANTONIO**.

Os padrinhos foram:

Francisco Jose de Figueiredo e Isabel Rosário .

Casamentos S. José:

371/cód.370/lv 24/25v- data: 1/05/1787- encontro Bernardo casando sua filha legítima com

Dona Marianna, **MARIA JOAQUINA SILVEIRA** com **GABRIEL GONÇALVES** (*filiação : Antonio Gonçalves Montejo e Maria Jesus*).

625/cód. 624/lv24/66v-data: 13/05/1793- encontro Bernardo casando sua filha legítima com Dona Marianna, **GENOVEVA MARIA SILVEIRA** com **MANOEL MARTINS PARREIRAS** (*filiação: Jose Martins Parreiras e Catarina Maria Jesus*).

817/cód.816/lv24/98v/data: 01/1/1773 - encontro Bernardo casando sua filha legítima com Dona Marianna, **ANA VITORIA DO SACRAMENTO** com **MANOEL SILVA PORTO** (*filiação: Marta Leal e Jose Gonçalves Porto*).

Óbitos S. José:

3693/cód .4017/lv 80/120- encontro o registro de óbito da filha legítima de Bernardo , **ANA** (párvula).

7150/cód. 3146/lv82- encontro o registro de óbito do filho legítimo de Bernardo, **REVERENDO JOÃO BERNADES DA SILVEIRA.**

Maiores Senhores :

5-id. 10.126- Encontro Bernardo como proprietário do fogo de nº 100, 70 anos de idade, capitão, nº de nascidos escravos 79, nº de nascidos livres, 2. Faixa de posse 31+.

Listas 1831:

(nada encontrado).

Bens dos inventariados:

227/cx. 336/cód. 145- Encontro Bernardo no ano de 1795, com os pertences de 434\$470, um total de dinheiro 1173190, ntear/roda -2/5, plantação de 80525, produção de 30 alq de feijão e 30alq de arroz, nº de bois de carro 44, nºde bovinos 169, nº de ovinos 36, nº suínos 540, valor dos animais 1:401\$160, nº de escravos 96, valor dos escravos 6098000, valor dos imóveis rurais 6 :112\$600, nº de fazendas 2, nº de engenho 1, dívidas (+) 866\$868, valor do dote 7:769\$933, dotados (Manoel, João, José, Gabriel, Joaquim, Mateus, Francisco, Manoel, Antonio e Manoel Bernardes “Falecido”), monte- mor 22:987\$496, monte líquido 22:987\$496.

JOSÉ CABRAL TAVARES

(Livre, branco, casado, capitão)

Rol dos confessados: (4470)

- Seu fogo contém 54 pessoas (incluindo o mesmo), sendo 7 filhos (*Luiz, Bernarda, Bernardo, Baptista, Antonio, Josefa e Rafael*), 1 suposta cunhada (*Ignacia Maria*), 1 Dona (*Maria Josefa Ferreira, sua esposa*), e 44 escravos.

Batismos S.José :

- (3768) aparece batizando seu filho legítimo JOSÉ, juntamente com sua esposa Dona Maria Josefa Ferreira.
- (3897) aparece batizando seu filho legítimo RAFAEL, juntamente com sua esposa Dona Maria Josefa Ferreira.
- (4260) aparece batizando sua filha legítima JOSEFA, juntamente com sua esposa Dona Maria Josefa Ferreira.
- (4522) aparece batizando seu filho legítimo ANTONIO, juntamente com sua esposa Dona Maria Josefa Ferreira.
- (4557) aparece batizando seu filho legítimo BATISTA, juntamente com sua esposa Dona Maria Josefa Ferreira.
- (5077) aparece batizando seu filho legítimo BERNADO, juntamente com sua esposa Dona Maria Josefa Ferreira.
- (5789) aparece batizando sua filha legítima BERNADA, juntamente com sua esposa Dona Maria Josefa Ferreira.
- (7738) aparece batizando seu filho legítimo LUIZ, juntamente com sua esposa Dona Maria Josefa Ferreira.

Casamentos S. José:

- (1158) Aparece casando sua filha *Josefa Maria Saraiva* com José Marcelino Pereira, filho legítimo de Manoel Pereira Matos e Ana Almeida Silva.
- (1159) Aparece casando sua filha Batista Custodia Cabral com Luis Pereira Silva, filho legítimo de Manoel Pereira Matos e Ana Almeida Silva. (O capitão é dado como falecido nesse casamento)
- (1173) Aparece casando seu filho Antonio Saraiva Cabral (alferes) com Ana Antonia Saraiva Jesus, filha legítima do Alferes Jose Antonio Santos com Custodia Maria Jesus.

Óbitos São José:

- (6920) encontra-se o registro do falecimento de Dona Maria Josefa Ferreira, já sendo viúva do capitão José Cabral Tavares.

- (9322) encontra-se o registro do falecimento por molestia de Bernarda Cabral Tavares Alvares, o capitão já havia falecido quando foi registrado o ocorrido.

Maiores senhores:

(13) encontra-se o capitão José Cabral Tavares com 65 anos de idade, possuindo 45 escravos, e um número de 10 pessoas livres. Fogo de 4.470.

Bens dos inventariados:

(Código 438/caixa 393) Encontra-se no ano de 1799, José Cabral Tavares com 69 anos e casado. O mesmo possuía 16 carros de boi, 96 bois, 6 equinos, 50 ovinos. O valor dos seus animais era estimado em 399\$800 mil reis. Possuía 66 escravos, no valor de 4:785\$000 mil reis. Em seu inventário, José Cabral tem um montante de 11:825\$001 mil reis á receber.